



RECONTADO POR **RAFAEL SENRA**

**MOJO**  
BOOKS

**THE BEST OF  
THE DOORS**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

The Doors  
**THE BEST OF THE DOORS**  
recontado por  
**RAFAEL SENRA**

---

JUNHO DE 2008  
VOLUME 66

**MOJO**  
BOOKS

---

the doors  
**THE BEST OF THE DOORS**  
recontado por  
**RAFAEL SENRA**

---

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**  
DIREÇÃO DE ARTE: **DELFIN**  
REVISÃO: **DANILO CORCI**  
CAPA DESTA EDIÇÃO: **BASE-V**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



## PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

### DISCO 1

1. Break on through
2. Light my fire
3. The crystal ship
4. People are strange
5. Strange days
6. Love me two times
7. Alabama song
8. Five to one
9. Waiting for the sun
10. Spanish caravan

### DISCO 2

1. Hello, I love you
2. Roadhouse blues
3. L.A. woman
4. Riders on the storm
5. Touch me
6. Love her madly
7. The unknown soldier
8. The end

---

## THE DOORS THE BEST OF THE DOORS

LANÇAMENTO: **1985**  
SELO: **RHINO / WEA**

---



## O CÓDIGO MORRISON

# PRÓLOGO. TAKE IT AS IT COMES

— André, você vai fazer a matéria de capa da revista esse mês — disse o editor, bastante enfático.

Não significava muito, porque ele é um sujeito tão brincalhão e fanfarrão, que os redatores da revista sabiam que levá-lo a sério o tempo todo podia ser perigoso. Mesmo assim, André reluziu de alegria. Sem saber se a afirmação era ou não era uma possível piada, preferiu perguntar antes de comemorar.

— Ué, tudo bem, sabe, se o senhor... Certo, bem. Enfim, qual a pedida?

— The Doors. Jim Morrison, na verdade.

André arregalou os olhos. O editor sorriu malicioso e desferiu um amistoso tapa nas suas costas ao mesmo tempo em que dava uma boa baforada no charuto.

— É o nosso presente de aniversário pra você, Dé. Como um bom “Back door man” que você é, um fanático pelos Doors, considere isso um agrado de um chefe orgulhoso de seu bom trabalho na nossa humilde publicação cultural, ok? O que você acha?

— Peraí chefe. Desculpa eu racionalizar assim seu “presente”, mas... Primeiro, meu aniversário é semana que vem. Segundo, tipo que... Matéria

de capa? Pô, legal eu escrever sobre minha banda predileta, e faço isso com um prazer imenso, mas olha só, o Police voltou à ativa, por exemplo, vai vir no Brasil e tudo, e vamos fazer uma capa com os Doors?

O editor deu uma tossida, depois emendou:

— Certo, eu entendi o que você quis dizer. Mas eu não tô te pedindo isso à toa. Essa matéria vai ser quente, e eu vou te explicar. Vem comigo na minha sala, não posso falar isso aqui na redação pra todo mundo ouvir.

André ajustou a camisa. O lance parecia ser mesmo sério.



# 1. WAITING FOR THE SUN

“As ruas parecem mais cheias hoje, entupidas de gente. As formigas ficariam com inveja de nós se pudessem ver isso lá do alto”, pensou André. Tem gente saindo pelos ladrilhos. É pura poesia urbana, um caos quase organizado, pelo menos quando se observa os semáforos. As pessoas são estranhas, se não em si mesmas, definitivamente são estranhas para os outros. Difícil entender por que elas não entram em guerras, se esbarrando tanto em um ambiente tão hostil, como se fossem todos soldados desconhecidos. Talvez estejam em um estado embriagado, entorpecidos pelas rotinas mortas, mas lá no fundo de suas almas de cozinha eles se dão conta de suas verdadeiras condições. Enfim, vai saber?

Apesar das elucubrações de André não cessarem, ele se orientou bem nas ruas daquela cidade, e por fim conseguiu achar o prédio que o editor indicou como localização do fã-club de Doors. E realmente a matéria merecia capa. Descobertas recentes provavam que Morrison teria vindo ao Brasil em 1967, acompanhado do tecladista da banda, Ray Manzarek, para visitar uns tios ou parentes brasileiros de Ray que moravam no Rio de Janeiro. O contato com a bossa nova, certamente escutada pela dupla entorpecida sob efeito do ácido “White rabbit” — *made in Venice Beach*,

L.A.) — os deixou vidrados. Desse casamento lisérgico, nasceriam clássicos como “Break on through”, com seus compassos que mais pareciam “um Tom Jobim acelerado e alto” como André teorizou.

A matéria giraria em torno disso. A viagem, bossa, ácido, “Break on through”. Ele entrou no prédio. Depois de lances e lances de escadas, a placa “Latino Chrome” denunciou o local que procurava. André estava ansioso, não só pela matéria com a banda de seus sonhos, mas pela voz que o atendeu ao telefone quando ele ligou para lá. Ele falou com a própria presidente do Latino Chrome, Marina Rising, americana naturalizada brasileira, que curte Doors desde o berço, e que concordou em recebê-lo. A voz dela, firme, sem sotaques, sem travas e inibições, o fez viajar com uma jovem xamã louca perdida na cidade. Tudo isso o fascinou de cara.

A porta abriu. Uma bela mulher de olhar de fogo e cabelos cacheados perguntou quem era. André pensou que ia gaguejar, mas logo intuiu que isso seria tremendamente desastroso e ficou mentalizando um mantra anti-nervosismo para ver se espantava o medo:

— Oi, s-sou André De Assis, da revista...

— Sim, sim. Entra aí, cara! — ela mal o cumprimentou. Parecia tensa, apressada. André não conseguiu pescar o porquê daqueles modos bruscos, mas entrou correndo, meio confundido pela correria e pelo perfume doce de Marina.

Ao redor, um universo de fotos dos Doors adornava o pequeno aparta-

mento. Pôsteres das capas dos discos, de fotos promocionais, performances ao vivo, fotos por cima de fotos. Uma centena delas ameaçava sufocar um pôster da pose clássica de Morrison sem camisa, ampliado a ponto de ocupar meia parede. Ao lado, um quadro gigante do livro de John Densmore sobre Jim e a banda, autografado pelo autor. Fotos, provavelmente de um período pré-Doors, disputam lugar com outras de Morrison em Paris, em suas últimas poses antes do trágico fim por *overdose*.

André sentiu o ar lhe faltar. Ele ficou ainda mais nervoso. Aquele apartamento era como um templo à sua banda maior, e nem em sonhos ele imaginara algo assim. Marina, pouco se importando com o fascínio dele, pediu para que se sentasse.

Ele sentou, e ela não trocou uma palavra com ele por um longo tempo. Parecia obcecada em revirar papéis e trocar idéias com alguém via Internet. Ele manteve o entusiasmo de estar naquele lugar quase sagrado por uns quarenta minutos, depois se acalmou, e por fim demorou mais meia hora para lhe bater um tédio. Ao final de duas horas ouvindo apenas ruídos de papéis e teclado de computador, o sentimento mais urgente era de impaciência.

— Marina, ou sra. Rising, se você estiver muito ocupada, eu posso voltar depois...

— Marina é melhor. Olha, desculpa minha correria, mas... puxa, tô de cara, isso é muito fod...

— Bem, eu vou indo. Quando você tiver um tempo livre, pode me ligar, certo?

— Espera, André. Você precisa ver isso. Até pra sua matéria, isso é queeente! — ela atಿçou a curiosidade dele, que se aproximou. — Desculpa não ter comentado antes, é que eu to atônica até agora. Tipo assim, sabe essas teorias que pintam de tempos em tempos afirmando que Jim ainda está vivo?

— He he, claro! Que tem isso?

— Acho que finalmente o assunto deixou de ser lenda e passou a ser história. Veja isto.

As belas mãos de Marina passaram a André uma foto impressa. André observou sem fala. Racionalmente, ele sabia que aquilo era impossível, mas ele não conseguiu evitar um arrepio. Na foto, um senhor de aproximadamente sessenta anos, grisalho, barbudo, vestido de branco e cheio de colares, está abraçado a uma velha negra bem gorda, cuja altura é inferior aos ombros do senhor. Ela tem um pano branco na cabeça, roupas brancas, e vários colares.

— Tá, eu concordo que esse sujeito parece um Jim Morrison envelhecido, sensacional isso, mas e daí? — pergunta André.

— Esta foto foi tirada no Rio de Janeiro há alguns meses. A pessoa que a divulgou na Internet afirma que é o próprio Morrison, que virou pai de santo em um centro de Candomblé.

André começou a rir, e as gargalhadas só não duraram tanto porque Marina gritou com ele, a ponto de deixá-lo extremamente sem graça.

— Escuta aqui seu jornalistazinho de merda, o lance é sério! Eu tive acesso às correspondências entre Morrison e a CIA, onde eles discutem seus planos de forjar a própria morte e se mudar para o Brasil. Se você acha que eu sou louca, veja isso.

André não sabia o que dizer, sentiu a cabeça rodar. Ele já havia visto documentos da CIA antes, o suficiente para saber que aqueles eram autênticos. Como bom fã de Doors, ele conhecia a letra manuscrita de Jim, parecia ser mesmo aquela. E havia vários documentos do tipo, onde o cantor e poeta americano comparava xamanismo e culturas afro-americanas, e inclusive citava a entidade Mr. Mojo Risin, que ele cantou na música “L.A. woman”. Essa entidade surgiu em reuniões de vodu de Nova Orleans, e era cultuada pelos *bluesman* da velha guarda.

— Posso te mostrar provas pelo resto do dia, André. O lance é muito sério. E o pior é que o cara que me passou esses documentos, um jornalista chamado César Mendes de Campos...

— Eu conheço ele...

— Pois bem. Ele está preso. Sabia disso?

— Hã? Como assim?

— Preso. Encarcerado. O prenderam logo que ele descobriu tudo isso que estou lhe mostrando. Um grande amigo dele me ligou. Disse que foi

visitá-lo, e viu homens de terno ao redor da casa dele. Eles falavam em inglês no celular. Outro jornalista, que agora também se encontra preso, confirmou o pior: Esses caras são da CIA e do FBI.

— Poxa, eu não tô...

— Nem eu acreditei, cara! Tem duas noites que eu não durmo. Isso é muito sinistro, e sabe o que eu acho? Que tá rolando muito barulho pra coisa toda ser uma mera farsa. — Depois de um silêncio tenso, ela suspira. — Putz cara, se eu fumasse, acho que já teria sugado um pacote extra-forte inteiro só nessa manhã!

— Mas por que isso vazou só agora?

— Essas organizações são muito influentes, André. Eles têm contatos fortes, e mexer com eles é brincar com peixe grande. Corre-se risco de morte. Assim como nós estamos... Peraí que meu celular tá tocando, só um minuto.

André respirou fundo enquanto ela atendia. O que era para ser uma matéria de capa de uma revista cultural tupiniquim se estendeu para um escândalo de proporções internacionais. Ele mal podia acreditar. Morrison vivo e pai de santo no Rio de Janeiro? A ficha não caía! André parecia pronto a cair nos seus transe racionalistas, de tentar imaginar teorias e meditar sobre esse turbilhão de informações, mas foi interrompido por uma voz baixa vinda do celular, quase inaudível, mas que na verdade ele sabia que eram gritos. Ele conseguiu ouvir algo: “Saiam daí agora, estão interditando

o prédio. Foge Marina, foge!” Ele não tinha dúvida que era isso que a voz urrava. Apesar do nervosismo, ele percebeu que Marina estava ainda pior que ele, pois ela suava sem parar e corria de um lado para o outro.

— André, temos que sair daqui ago...

A porta bateu. Parecia que ia cair. Do outro lado, uma voz de trovão ordenava “Open the door, please!”. André pensou em algum trocadilho entre “door” e as portas da percepção, e isso pareceu ser aqueles pensamentos tremendamente idiotas que brotam irritantemente, quando o pior está para acontecer.

## 2. THE SPY

— Marina, porra, e agora?

— Vem aqui, André — ela sussurrou, enquanto pegava o braço dele e corriam para outro lado. Eles entraram em outro cômodo, ela abriu a janela. André ainda não havia visto lá fora, mas tinha noção de que estavam no quinto andar do prédio e que qualquer que fosse a idéia de Marina ao abrir a janela, seria uma idéia absurda. Seu corpo bambeou de tal forma que um desmaio parecia iminente.

— Pára com isso André. Olha, tem uma escada aqui. Dá pra gente descer tranqüilo. Quer ir primeiro?

Ele não podia acreditar. Mas logo que pôs a cabeça para fora e viu a parede do prédio pintada pela metade e uma lata de tinta no parapeito. Entendeu o porquê da escada estar ali. Eles desceram em tempo recorde, e correram para o estacionamento, rumo ao carro de Marina. Deram a volta, entraram em uma portinha, e ao descerem a escada viram dois homens de terno preto em volta do veículo. Antes que André fizesse algum comentário desesperado, Marina lançou uma pedra rumo ao outro lado do estacionamento. Isso fez com que os homens fossem conferir a origem do ruído, dando a oportunidade dos dois alcançarem o carro. Marina deu a partida e



os sisudos homens mal tiveram tempo de olhar para trás. Curvas fechadas, cantadas de pneu e o Palio verde já estava longe.

— Que coisa surreal! Parece um filme! — soltou André.

— Olha, eu vou te falar que foi bem emocionante! Caralho!

— Putz, será que eles eram da CIA?

— Com certeza, cara! Eu consegui enfiar alguns documentos na bolsa, mas a maioria deles ficou pra trás. O foda é que eles agora vão ter certeza de que estamos envolvidos e vão preparar abordagens mais ofensivas.

— Ei ei ei, eu não tenho nada a ver com essa historinha doida aí não, tá?

— André... Como eu te falei, o caso é sério, cara. Você sabe demais. Eles não vão permitir que você fuja.

— Mas eu sou um jornalista, tô em outra, não quero perder tempo provocando órgãos internacionais. Eu detesto encrenca, só estou fazendo uma matéria, não posso ficar fugindo, e além do mais...

— Para com isso! — ela falou alto. — Parece a hiena do desenho, só fica reclamando! Péra lá, ué!

— Desculpa. — Ele se encolheu timidamente.

Apesar de André ser um jornalista — e das pessoas esperarem de um jornalista características como ousadia, destreza, e cara de pau no mínimo —, ele costuma primar pela timidez excessiva. Sempre foi de ficar na redação, escrevendo em cima de dados recolhidos por outras pessoas, e morre de

medo de falar até com os próprios colegas da revista. Ao calor dessa situação que envolvia fugas, prisões, perseguições e escândalos diplomáticos, essa característica então parecia se acentuar. Lógico que havia um friozinho na barriga bem excitante, mas essa mistura de emoções quase cinematográficas o deixava ainda mais nervoso e confuso.

Marina percebeu esse turbilhão na cabeça dele, e sutilmente mudou o tom.

— Não André, eu é que peço desculpas. Você tá nervoso. Não esquentar não que a gente vai resolver tudo, certo? Estamos indo pra casa de um companheiro do fã clube chamado Leonardo Assunção, o Léo. Ele também tá sabendo da história, aliás, foi quem me pôs a par de tudo. Na casa dele creio que estaremos seguros.

— Ok, tudo bem... — mas a cabeça de André não parava. — Marina, tudo isso é muito absurdo. Jim Morrison... vivo? E pai de santo?

— O que o Léo me falou é que ele deixou sinais na obra da banda, de tudo isso que ele aprontou. Por exemplo, o que eu te falei sobre a bossa nova, um ritmo brasileiro, influenciar o ritmo de “Break on Through”. Quais são as primeiras letras na música?

— Letra B e R. Ei! As primeiras letras de...

— Brasil. Exato! E de acordo com Léo, existem mais pistas dessa natureza. — a hora era de aliviar, e Marina emenda — Rapaz, se escrevessem um livro dessa nossa aventura, com certeza seria um *best seller!*

— É verdade. Isso dá um livrão! Só faltaria botar uns elementos de polêmica e venderia como água no deserto!

Ela percebeu o talento dele para viajar nas idéias e resolveu reforçar isso, já que naquele momento relaxar parecia ser a coisa mais oportuna a se fazer.

— Sim, sim, venderia mesmo. Para inflamar polêmica, bastaria colocar elementos ligados a religião. Isso irrita muito um certo tipo de pessoa, saca? Esse pessoal mais conservador! Daí poderia ser uma situação diferente, como se você fosse um professor de arqueologia, e eu fosse sei lá, a neta de um curador de museu...

— Marina, se eu sair vivo dessa, vou escrever esse livro com você!

— Claro, vamos ficar ricos brincando. Mas deixa as piadas para depois. Chegamos na casa do Léo, o nosso guru do fã clube. Vamos subir no apê dele, que ele vai te explicar melhor essa zona toda — Marina estacionou o carro.

### 3. YOU MAKE ME REAL

Morrison sempre dizia que, quando estava bêbado, se sintonizava com a ordem natural do mundo. Pois, ora bolas, se o planeta não pára de girar mas nós só conseguimos perceber o céu se movendo, as estrelas, os astros, haveria algo errado, não é? Basta algumas doses de um mero destilado para então percebemos a verdade: o mundo ao nosso redor é quem realmente gira. Beber então serviria para reforçar a realidade e não para nos afastar dela.

Para André, essa teoria pareceria mero papo furado se lhe fosse dita naquele momento. Ele saiu do carro de Marina com a cabeça girando, mas a última sensação que lhe atormentava era a de realidade. Ele caiu de cabeça sem querer em uma aventura de cinema e corria o risco de ser preso por agentes internacionais. Se lhe contassem uma história parecida, ele nunca acreditaria.

Os dois aproveitaram a porta aberta e entraram correndo no prédio de Léó. Marina pareceu visivelmente preocupada ao perceber esse fato. Subiram as escadas correndo e André não saberia dizer se o bater frenético do seu coração era pela situação ou pela corrida. Chegando na porta do apê, tocaram a campainha impacientes, e logo um rapaz loiro e forte, de

aproximadamente trinta anos atendeu prontamente.

— Meu, que caras são essas? Se vocês se olhassem no espelho, acho que ficariam com vergonha!

— Pô Léo, — Marina suave sem parar — eu vi a porta do prédio aberta e fiquei preocupada! Caramba, você tá bem?

— Ha ha, esquentada não senhorita Rising, o zelador sempre esquece a porta daquele jeito. Entrem aí, gente, não gosto quando alguém fica me olhando desesperada na porta de casa. Se for pra descabelar de tensão, pelo menos façam isso aqui dentro.

— Léo, este é André de Assis, o jornalista de quem lhe falei. André, Léo.

— Ah, claro. — eles se cumprimentaram — Pela cara dele, suponho que já está por dentro das boas novas sobre o nosso xamã pai-de-santo californiano!

— Infelizmente, estou. Até demais. De fato, acho que estou prestes a desmaiar! — ameaçou André, cambaleando.

— Ops, problema de pressão à vista! Marina, pegue um saleiro ali na cozinha, por favor.

Léo tinha uma postura segura e despojada, o que ajudou André a se acalmar, mas não antes de se sentar e pôr um pouco de sal debaixo da língua. Ele percebeu na tela do computador uma planta de casa, feita provavelmente pelo anfitrião, e deduziu que ele provavelmente trabalhava

como arquiteto. Mas o que mais lhe chamou a atenção foi sua serenidade, visto que aparentemente continuava trabalhando de forma normal, mesmo com a CIA louca pra lhe arrancar o couro.

Eles tomaram um chá. Léo e Marina conversaram apenas trivialidades. A realidade foi se tornando mais próxima e as conspirações pareciam voltar a ser algo quase fictício. André respirou fundo. Depois de alguns minutos, Léo assumiu um ar mais sério, e os levou para outro cômodo que mais se assemelhava a uma biblioteca. Os temas expostos na estante fascinaram André: biografias de artistas, enciclopédias de movimentos culturais, livros sobre *rock*, tratados científicos, teses, monografias, compêndios, enfim, um arsenal de cultura *pop* do mais alto calibre.

Léo foi até a escrivaninha, e puxou três cadeiras. Marina, porém, ficou em pé folheando alguns livros e André se sentou enquanto Léo procurava documentos no meio da bagunça. Sem conseguir conter a curiosidade, André passava o olho em uma biografia importada e ilustrada do Neil Young, até que Léo interrompeu o silêncio.

— A Marina já te falou do chamado “Código Morrison”, André?

— Hã? — ele largou o livro de lado. — Ah sim, ela só não usou esse termo!

— É porque fomos nós quem inventamos para nos referir ao código que Jim teria deixado tanto na obra dos Doors, quanto em seus poemas. Há vários indícios ali de que ele iria forjar sua própria morte e se mudar para o

Brasil. — Depois de uma pausa, prosseguiu — Já ouviu falar de Rimbaud?

— Sim, como bom fã da banda, claro que conheço!

— Esse poeta forjou a própria morte, no auge da carreira, para viver como traficante de armas na África. Os detalhes sobre ele você conhece. Mas a idéia do “Código Morrison” parte do princípio que Jim teria feito a mesma coisa, com a ajuda da CIA. O interesse da organização era óbvio: Jim era uma tremenda força subversiva, e uma voz contundente contra a guerra do Vietnã.

— Eu concordo com você em parte. — interrompeu André — Eu sempre discordei dessas idéias da morte forjada de Morrison, pelo menos desde que li sobre elas nessas revistas sensacionalistas. Imagino que teria mais a ver com o estilo dele morrer pelos excessos, seguindo sua devoção ao desregramento dos sentidos que Rimbaud pregava, do que calar sua poesia e sua arte de uma forma tão pragmática.

— Tá — Leo achou engraçada a maneira pedante com que André se comunicava, entretanto não estranhou muito, pois tinha vários amigos tímidos que utilizavam deste mesmo artifício, como se fosse uma defesa inconsciente. E continuou — Mas você não acha que isso condiz com a idéia que Jim nos vende como sendo da pessoa dele? Quer dizer, ele trabalhou uma imagem pública de rebelde, principalmente depois do escândalo em Miami, quando ele mostra o “órgão” dele no palco, e é preso. Daí, em poucos anos, ele tem uma morte bem à moda romântica, ou seja, uma *overdose*

em Paris. Quer coisa mais caricata do que isso? A meu ver, foi um fim digno de um Lorde Byron, ou um Marquês de Sade!

— Mas, — Léo prosseguiu — essa idéia do que pensamos ser Jim é veementemente contrariada pelo “Código Morrison”. Vou lhe explicar por que. — Ele se ajeita na cadeira. — Marina já deve ter lhe falado das iniciais do Brasil em “Break on through”, e da viagem que ele fizera com Manzarek para o Rio em 67. Temos fotos dessa viagem, e de Morrison ao lado de alguns pais de santo reconhecidos. Pamela estava com ele nas fotos, e é importante lembrar que ela também está incluída nessa aventura, ou seja, ela também simulou sua morte numa *overdose*. Mas vamos focar na teoria. Na verdade Jim era simpatizante de práticas xamânicas afro-cubanas, freqüentava a Santeria, que é um culto dessa natureza que acontece regularmente em Miami, e usava um colar de “Loa Sango”, ou Orixá Xangô. O Deus do trovão de “Riders on the storm” e o Mr. Mojo Risin também são entidades da Santeria.

— Tá, mas eu não to entendendo uma coisa. Se ele já participava dos rituais nos Estados Unidos, porque largar a banda e se mudar para o Brasil?

— Morrison se desencantou com o sucesso logo que os Doors gravaram o primeiro disco. Seu refúgio então foram suas crenças xamanísticas, mas o que o fez considerar o Brasil um lugar privilegiado foi a intensidade com que esses rituais místicos aconteciam aqui. Os efeitos dionisiacos e ritos catárticos que Nietzsche descrevera no livro *A cultura dos gregos* eram



mais profundos nas práticas daqui do que nas que ele freqüentava em Miami. Sendo assim, sua grande ambição naquele momento foi se mudar anonimamente para cá. E foi o que fez, ao forjar sua morte com a ajuda da CIA. Tanto que ele “profetizou” seu destino ao lado de amigos que bebiam com ele em um bar e, a meu ver, isso parece uma atitude um tanto quanto suspeita, não acha?

Depois de uma pausa, Léo se encurvou na cadeira, e assumiu uma postura estranhamente séria, enquanto observava Marina. André notou esse detalhe, e sentiu um arrepio na espinha ao perceber aquele óbvio contraste gritante entre o sujeito brincalhão e descolado que os recebeu no apartamento e aquele sujeito que ele observava agora, arqueado como um corvo. Já Marina estava concentrada na maravilhosa coleção de livros da estante e, além disso, como tudo que Léo falava para André já era de seu conhecimento, ela se sentiu no direito de fazer outra coisa. O amigo de fã-clubes, porém, ameaçava dizer algo que não era só desconhecido dela, como também algo muito sério.

— Marina, você poderia se sentar, por favor? — Léo quase arrancou o queixo fora ao coçá-lo. Ele estava tenso.

Ela nem tirou os olhos do livro. Aliás, não era um livro, e sim um álbum em quadrinhos em formato de vinil, *Red rocket 7*, de Mike Allred. Respondeu, em tom monocórdio e distraído:

— Léo, tuuudo que você tá falando pro André, eu já sei... Então me

deixa.

— Marina...

Ao ouvir seu nome tão friamente, ela olhou pra ele e a observação daquela pose bizarra a fez corar. Se André, que acabara de conhecer Léo, sabia que aquilo significava algo grave, Marina então tratou logo de se sentar na velocidade de um raio. Seu rosto sinalizava interesse. Ao perceber que havia causado o efeito pretendido, Léo então falou lancinante:

— Marina, hoje descobri uma coisa muito foda. Muito mesmo. Não sei como você vai encarar isso.

— Léo, — ela engoliu seco — você tá me assustando. O que é?

— Marina... César Mendes descobriu um lance antes de ser preso, e conseguiu repassar a informação a tempo. Ele descobriu que Morrison teve uma filha nos EUA, no fim da década de 70. Ela foi concebida em um ritual xamânico, o mesmo ritual onde nove meses antes Morrison copulou com outra participante sob as vistas de todos os presentes, uma mulher que era ninguém menos do que a cantora de *folk* chamada Joan Baez.

André ficou pálido. Quer dizer que Jim teve uma filha com Joan Baez? Não, não era possível, depois de tantas informações surreais, aquilo soava absurdo demais para o incrédulo jornalista.

— Não acredito! — os olhos de Marina quase saltaram da face.

— Marina, nem sei como lhe dizer o resto. Acho que é melhor ir direto ao ponto. Bem, vamos lá. — ele esfregou as mãos, suspirou e prosseguiu.

— Morrison não quis batizar sua descendente com o seu sobrenome, e preferiu homenagear a entidade “Mojo Risin”. Para não dar muito na pinta, ele acrescentou a letra “g” depois do último nome, e ficou “Rising”. Joan Baez, a mãe, sugeriu um nome apazível ao país que seria o novo lar do rebento. Eles simpatizaram com o nome “Marina”. E assim, decidiram chamá-la Marina Rising.

Marina era filha de Jim Morrison e Joan Baez? A mesma Marina que estava na frente dos dois, ali naquele instante? A Marina do fã-clube, que estava correndo de agentes federais há horas ao lado de André?

Não demorou dois minutos de um silêncio ensurdecedor, onde Marina parecia uma estátua ali de costas para os dois, e subitamente um tiro cruzou a pequena janela ao lado da estante. Tudo foi muito rápido. A bala acertou Léo bem no peito, que caiu no chão duro como pedra. André imediatamente pensou em proteger Marina, mas apesar do impulso imediato, seu corpo e sua mente abalados pelo bombardeio de informações não suportaram. Dali para frente foi somente escuridão.

## 4. WHO SCARED YOU?

Sonhos loucos. Um deserto. André anda perdido ali. Se sente um Lawrence da Arábia ou um Lampião enquanto anda errante num universo de areia. Areia, calor, tudo é insípido, tudo ofusca, tudo queima. A areia parece um tapete que cobre tudo e todos, mesmo que não haja ninguém ao redor. Uma colina. André sobe. A colina parece não ter fim. Ele vê uma estaca de madeira. Aquilo o intriga. A areia sufoca a paisagem. Ele sobe até o fim, e percebe que a madeira é, na verdade, uma cruz. Alguém que já foi um homem um dia agora definha ali, crucificado. Um homem de cabelos longos e coroa de espinhos. Um pano surrado e rasgado tapa seu sexo. Uma garrafa de uísque jaz encostada à cruz. André não entende. Mesmo tendo transformado a água em vinho, Jesus não bebia uísque. Ele coça a cabeça suja de areia. O calor confunde seus pensamentos. Aquele homem barbudo e cabeludo era mesmo um messias? Ou seria um pai de santo? Um poeta louco? André treme. Súbito, o homem que parecia ser apenas um corpo inerte na cruz não estava assim tão morto. Ele arregala os olhos. A terra treme.

— André? André, tá me ouvindo?

Ele acordou com os sussurros de Marina. Ele não sabia onde estavam,

devido à escuridão do lugar, mas sua única certeza, por motivos óbvios, era que ele estava amarrado. Não tinha idéia de quanto tempo ficou desacomodado e o não interessava. Queria somente saber se Marina estava bem, mas não tinha forças para falar.

— André, escuta... Nesse meio tempo que você desmaiou, nos trouxeram pra esse lugar. Eram agentes da CIA, foram eles que... — a voz de Marina ficou mais trêmula — ... eles que mataram Léo.

Léo estava morto. Isso atingiu André como um raio na tempestade. Aquele dia definitivamente já seria sempre lembrado por ele como o mais bizarro de sua vida. Só pela ida ao fã-clube, a data já havia se tornado inigualável. Mas mal sabia André naquele momento que aquilo era só o início. Depois de uma montanha russa de acontecimentos, finalmente ele estava ali, amarrado numa sala escura ao lado da filha de Jim Morrison e Joan Baez, ambos a espera de uma prisão, uma tortura, uma execução ou algo ainda pior, se é que poderia existir algo pior.

— André... Jim Morrison está vindo aqui. Ele quer nos ver. A mim e a você.

Ele mal teve tempo de digerir essa informação e a porta começou a ranger na frente deles.

— É ele! Jim! Papai!

Para André, aquela porta abrindo parecia o prenúncio da ressurreição de uma figura sagrada. Por mais que tivessem martelado na cabeça dele

durante todo o dia que o cantor dos Doors estivesse vivo, a ficha não caía. E agora ele estava a um passo de se encontrar com seu maior ídolo, o homem que escreveu a trilha sonora de sua vida, sua maior referência na juventude, uma figura simbólica que o acompanhara tardes e tardes, presente apenas no mundo arquetípico dos livros, pôsteres e discos. O jornalista André de Assis estava prestes a se encontrar com o homem Jim Morrison.

A porta abriu. A luz de fora ofuscava. Havia pessoas em ternos pretos na porta. O sangue gelou. Tensão. André achava que ia desmaiar novamente. Nada aconteceu. Os homens permaneciam parados. Mais tensão. Dois minutos. Nada. Um ruído, um rangido. Uma porta abriu. Passos. Mais passos. Um vulto. Um homem. Um homem velho. Ele andou na direção dos dois. André soluçava. Marina sussurrou:

— Acho que ele vai dizer algo!

O homem levantou os braços e ameaçou gritar algo. André achou que ia morrer do coração.

— Feliz Aniversário, Andrééééééé!

As luzes se acenderam. Pessoas apareceram do nada, dez, vinte, cinqüenta delas. Elas jogavam confetes e gritavam. Caixas de som começam a tocar “Light my fire”. Logo que André se acostumou com as luzes, conseguiu distinguir os amigos com quem trabalhava na redação. Marina apareceu e deu um apertado abraço nele. Quando André a abraçou, o calor e o perfume dela tomaram conta de toda a sua percepção, mais do que todo o festejo ao

redor. Por um segundo, o susto do inesperado passou. Ele só sentira uma sensação parecida nos longínquos tempos de jardim de infância, ao dançar na festa junina com a menina que, na época, ele imaginava amar.

Marina se afastou e André olhou para frente, se lembrando do vulto gritador que desencadeou aquela algazarra. No fundo, ele sentiu subir um desapontamento ao perceber que o homem não era Jim Morrison, mas sim o seu editor, que mal conseguia parar em pé de tanto rir.

— Eu não estou entendendo nada!

— Foi tudo uma pegadinha, André — disse Marina — Esse senhor que está tendo um troço de tanto rir aí na frente, que você conhece bem porque é o seu chefe, foi quem bolou tudo. Ele planejou toda essa história com Jim Morrison e os Doors porque sabia que você era fã da banda.

— Peraí... Antes que eu desmaie de novo, é tudo mentira?

— Sim! — Léo aparece do nada, mais vivo que Paul McCartney. — Tudo era falso: os documentos, as informações, os homens da CIA, as fotos, foi tudo armação!

André olhava para todos ao seu redor, Léo, Marina, o Editor que não parava de rir... e estava lá também o livre jornalista César Mendes de Campos, ostentando um sorriso zombeteiro. Até a mãe de André estava lá, uma senhora de vestido e coque no cabelo, que parecia se divertir tanto quanto os outros convidados.

— Mãe, até a senhora?

— Ah meu filho, você passa muito tempo naquela redação escrevendo, daí chega em casa e fica lendo sem parar... Sabe, você estava precisando de uma brincadeira dessas, uma adrenalina, um rebuliço, sabe?

— André, agora sou eu quem vai falar — disse o editor se acalmando.  
— Cara, bolamos toda essa brincadeira em sua homenagem. Você é o melhor redator. Eu estava lendo *O código Da Vinci* e aí, meu caro, deu no que deu!

— Mas peraí, e os documentos da CIA, e as fotos do Morrison velho, como vocês fizeram isso?

— Depois do Photoshop, colega, consigo falsificar pra você até os manuscritos do mar Cáspio, se você quiser! — disse João, que cuida da parte gráfica da revista.

— Do mar Morto, João, seu ignorante! — corrigiu Marina. — A propósito eu, como boa fã de Doors, ajudei o João a falsificar os documentos, pois consigo imitar a letra de Jim Morrison com perfeição!

— Quanto ao Morrison velho, se você estivesse menos nervoso, Dé, perceberia que fotografamos o Tonhão, da publicidade, ao lado da minha empregada Conceição. Vestimos os dois de branco dos pés a cabeça e... pá! Jim Morrison *lives!*

— Caramba, o Tonhão... — André não acreditava. Tonhão então entrou na roda dançando e rebolando, como se o espírito do vocalista dos Doors realmente tivesse baixado ali naquele coroa descolado. Todos caíram na



risada. André relaxou, talvez pela primeira vez desde que tinha pisado naquele fã-clube.

A festa durou longas horas e o homenageado, agora aliviado, dançou como um rei. Como um Rei Lagarto. Todos dançaram e beberam, morrendo de rir de todo aquele teatro épico que protagonizaram. André tinha sua atenção dividida entre a festa e Marina, que só de ficar ali sentada na mesinha, tomando uma cervejinha, já conseguia hipnotizá-lo.

A trilha sonora da festa foi a discografia de uma banda dos anos 60 da qual muita gente ainda se lembra hoje em dia. Mais que uma banda, fora uma tribo, guiada por um xamã alucinado, que erigiu seus tótems para figuras como William Blake e Rimbaud. Seus brados lisérgicos e dionisiacos fazem eco até hoje e André de Assis não tinha a menor dúvida disso.

## EPÍLOGO. TOUCH ME?

Chove bastante. Marina Lemos (é seu verdadeiro nome) consegue ver da janela do apartamento as silhuetas dos prédios adjacentes e algumas luzes sem dono que parecem perdidas no horizonte como se fossem imensos vagalumes estáticos. “O que o André quer uma hora dessas? E o que é pior, vir até aqui em casa com um pé d’água desses...?” Havia acabado, não?

A campanha dissipa a nuvem de pensamentos de Marina num pulo. Ela corre, e abre a porta. André não sabe se espirra ou se encharca ainda mais o tapete da porta.

— He he, pra você vir aqui nessa chuva toda, nem deve estar conseguindo dormir, pensando nessa história doida que seus amigos criaram, né?

— He he... Bem, eu já passei aperto o suficiente, e depois de tudo eu também já ri pra caramba naquela festa. Mas eu não tô aqui pra isso, ou melhor, tem a ver com isso, de certa forma, sabe? — ele espirra.

— Como assim?

— Marina, foi um presentão de aniversário. Isso tudo que rolou. Pra um jornalista, fã de Doors, e cinéfilo adicto, toda aquela tensão e tal... Vocês foram muito foda. — ele coça a cabeça. As mãos parecem não caber nos bolsos. Ele espirra novamente — E acho que tudo isso que rolou me deixou

muito alerta, muito vidrado em cada detalhe, de uma forma que geralmente não costumo ficar...

— Até pela sua profissão né, tem que concentrar nas palavras, na escrita...

— Por favor, não me interrompa, senão não consigo falar. — Marina fica dura com a rispidez inesperada. Ele continua mas antes espirra — Eu fiquei alerta, e prestei mais atenção em coisas que teriam passado despercebidas pra mim normalmente, sabe... Porque eu sou um palerma tímido, sempre preso em pensamentos, filosofando, divagando, teorizando a vida, racional demais, e eu cansei disso, sacou?

Ele segura e encharca a mão dela.

— Marina, eu adorei essa grande farsa que vocês me pregaram. Ainda mais por ter te conhecido. Sabe... Você foi a única coisa verdadeira ali pra mim — ele solta o último espirro da noite.

— Ei, pera lá — Marina está muito sem graça — o fã-clubê Latino Chrome também existe, o Léó também é um integrante, né, apesar de nós ajudarmos seus amigos na história, todos nós trabalhamos ali no fã-clubê realmente. Então assim, ali tem muita coisa verdadeira, entendeu?

— Eu sei! Mas pra mim, a única coisa verdadeira nessa história foi essa paixão que eu... Putz, Marina, você parece homem, eu preciso falar assim, cru, senão você não entende: eu to apaixonado por...

— He he, to fazendo hora contigo, bobo! — Ela segura na cabeça dele

com as mãos macias e o perfume dela transforma o cômodo escuro em algo mágico — Eu entendi o que você quis dizer. Agora eu quero te dizer uma coisa também.

Segue um beijo longo e quente. O tapete da sala vira uma pequena lagoa.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)